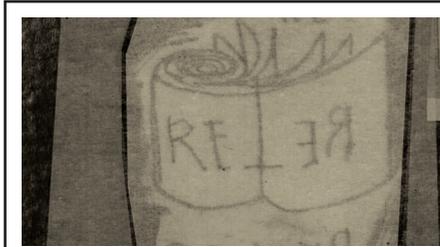


RESENHAS





REALITY SHOWS: RITUAIS DE SOFRIMENTO CAPITALISTA

Cristina Barbosa*

Os *reality shows* levam para a tela da TV a estrutura capitalista contemporânea. O formato espelha a dominação mercantil das relações sociais que tem como imperativo o descarte do ser humano, que luta para sobreviver ao processo de seleção, fundamentado em regras flexíveis. Sob essa ótica, a obra *Rituais de sofrimento* contribui para o debate sobre o fenômeno, a partir da análise de engrenagens de crueldade e tortura fundamentadas na reificação do ser humano, que, como mercadoria, assume o papel de cobaia "voluntária" do sofrimento exposto a milhões de "voluntários" espectadores e, ao mesmo tempo, algozes desse sofrimento.

Para compreender a legitimação da violência nos espetáculos da realidade do entretenimento, Silvia Viana parte da comparação do formato *reality shows* com modelos de gestão capitalista, tornando-a possível por meio da observação e desconstrução de programas nacionais e internacionais que, apesar das diferenças temáticas e estéticas, convergem a um único ponto: a afirmação da crueldade. Na "sessão televisada de tortura", como definido pela autora, o que vale é a resistência ao sofrimento e o engajamento na lógica de fazer sofrer.

A autora desvia das teorias calcadas no sadomasoquismo como impulsionador de voluntários à tortura (participantes) e a torturadores *voyeuristas* (telespectadores). O que está em jogo é a violência estruturante do capitalismo reproduzida pela TV. A análise amplia o debate questionando a "liberdade" de confinados e consumidores da crueldade social. Discute a não escolha, porque condicionada à subordinação imposta pela luta pela sobrevivência biológica ou simbólica.

Um dos pontos centrais da discussão de *Rituais de sofrimento* está em confrontar o formato dos *reality shows* com o medo da exclusão social forjado pelo capitalismo. É exigido dos trabalhadores dos espetáculos da realidade o engajamento ativo a regras flexíveis, que mudam de acordo com a necessidade de incitar a competição. Trechos da música tema do programa de maior audiência no País, o Big Brother Brasil, refletem o desafio dado, vencer a qualquer custo, a despeito do vazio de critérios de seleção: "Se você soubesse o que fazer, o que você faria?"; "Se querer é poder, tem que ir até o final".

* Graduada em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e professora da Universidade São Judas Tadeu (USJT).

Os "heróis" ou "guerreiros", segundo denominações proclamadas pelo apresentador do Big Brother Brasil, devem agir como gladiadores da sobrevivência, na tentativa de escapar da eliminação. Subordinados à ausência de regras claras e definidas, o que contradiz a defesa do termo jogo por seus idealizadores, os confinados dos *reality shows* lutam para alcançar o inatingível: a excelência incomensurável e, por isso, não avaliada por resultados. O processo seletivo do entretenimento, como aborda a autora, está fundamentado na seleção negativa, na qual o mérito de cada um pouco ou nada importa, o que está em jogo é cumprir a cota de eliminação determinada. Nesse ponto, a autora recorre às seleções do campo de concentração de Auschwitz descritas por Primo Levi no livro *É isto um homem?*, discutindo a seleção negativa como forma de abrir novas vagas fixadas previamente.

A eliminação, vista como o centro das representações, práticas e imaginárias, da contemporaneidade, legisla a relação social tanto no mundo das grandes corporações como no espetáculo televisivo, rondando os "sobreviventes" que arcam com o custo psíquico do temor de a qualquer momento perderem seus lugares, apesar da batalha permanente. Submetidos a constante vigília, resta aos participantes, na luta real ou na editada pelos produtores de TV – como no programa *O Aprendiz*, no qual o vencedor tem como prêmio uma vaga na empresa do apresentador –, entrarem na guerra, no jogo desregrado, como única tentativa de alcançar colocação no mercado, escapando do descarte, da exclusão, da marginalidade da posição do não inserido, do não adaptado. Todos compreendem, como diz a autora, que "as exceções são a regra do jogo". Daí as contingências do ritual de sofrimento suplantarem o sentimento de injustiça e a ética.

É imposto aos funcionários dos aparelhos empresarial e televisivo o abandono da "zona de conforto", interpretada como passividade daqueles que se rendem diante dos desafios do darwinismo social, porque dados como incapazes de enfrentar a pressão do sofrimento e da humilhação inerentes às tarefas dadas. Nessa relação cruel de forças, o "fraco" é condenado à eliminação por negar-se a continuar em movimento, diante da exaustão física e emocional. Exaustão provocada pela tentativa do cumprimento do trabalho árduo de vencer as provas nas quais o critério de seleção fundamenta-se na resistência à degradação da dignidade humana em favor dos lucros financeiros corporativos.

Nos *realities*, o valor de uso dos voluntários está na capacidade de dar funcionalidade aos próprios sentimentos para atender aos propósitos dos gurus do entretenimento. Numa lógica na qual a inação é inconcebível, a angústia e o colapso psíquico também são bem-vindos, desde que o participante não paralise ou desista do ritual. Quando pressionado, ao ser humano coisificado é permitido vergar, mas nunca quebrar, nunca parar. O surto emocional, assim como a angústia em forma de narrativa dramática, favorece o espetáculo e entretém a audiência. O descontrole não sufocado e as oscilações entre fúria e depressão são, muitas vezes, responsáveis pela alavancagem no Ibope e a transformação de personagens em estrelas, dentro e fora do programa. A essência está no combate de cenas consideradas "entediantes"

aos olhos do telespectador ávido por catástrofes, condição definida como sintoma da sociedade contemporânea.

Ao discutir o formato *reality show* a partir da organização de mundo capitalista, *Rituais de sofrimento* provoca inquietações e questionamentos que ultrapassam a observação sociológica de um fenômeno mediático. A autora mostra que o formato explorado pela indústria do entretenimento não passa de um exemplo de ritual de transposição de uma forma social que absorve a todos que dela fazem parte, independentemente do "voluntarismo" de cada um.

RODRIGUES, S. V. *Rituais de sofrimento*. São Paulo: Boitempo, 2012. 192 p. (Coleção Estado de Sítio).